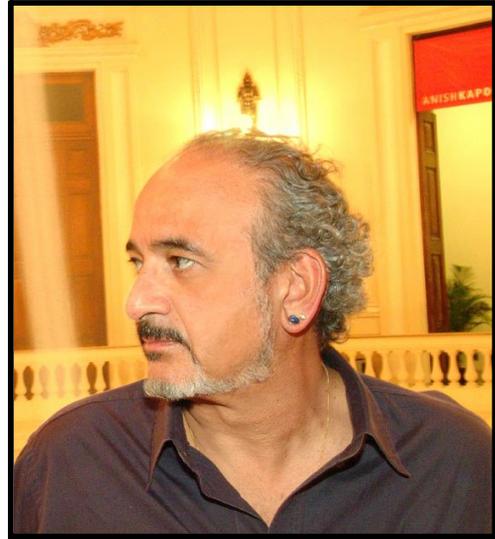


Horácio Costa: Um decurso poético pós-moderno

Por Rogério Caetano de Almeida¹



Na edição anterior da Revista Crioula, Vera Maquêa cita a experiência intelectual de viver dois mundos e insere um outro olhar sobre o assunto — a experiência “dos viajantes por vontade” — quando homenageia Ana Mafalda Leite. A experiência pessoal de Horácio Costa talvez seja a junção das duas coisas. Não saiu do Brasil ameaçado pela ditadura, mas poderia sê-lo apenas pelo fato de ser um viajante por vontade. A capacidade de ser um homem com vários destinos é para poucos e essa diversidade nasce no fato de Horácio Costa viver não apenas suas viagens, mas também os mundos que esses decursos proporcionam.

Uma trajetória tão diversa do normal é característica de sua personalidade e está em seu nome. Horácio, evidente e visível, transmuta-se em partes das experiências vividas. Sua formação inicial, concluída ainda no Brasil, é em arquitetura (1978); Horácio nunca deixou de pensar como arquiteto, mas decidiu enveredar pela viagem ao mundo das letras. Quando optou por isso, teve de fazer um outro percurso — foi estudar em Nova York, onde adquiriu o título de mestre —, pois a USP não o aceitou como aluno no programa de pós. Depois,

¹ Mestre em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela FFLCH-USP. Pesquisa: *O corpo grotesco como elemento de construção poética nas obras de Augusto dos Anjos, Mário de Sá-Carneiro e Ramón López Velarde*. E-mail: rogalmeida01@hotmail.com

doutorou-se em Yale (1994) com um trabalho sobre o período formativo de José Saramago. O estudo foi um dos pioneiros sobre a obra de José Saramago. A partir de então, as viagens de Horácio Costa se concentraram no universo das letras, com incursões nas artes plásticas.

As viagens são verdadeiras dissecações e contemplações do objeto artístico, dos sonhos, de si mesmo, da vida... em busca do Satori. O livro foi publicado em 1989 e como o próprio significado da palavra indica, Satori, dentro da filosofia zen, é a viagem de descoberta da iluminação. No ano seguinte Horácio vai incutir uma nova viagem para a literatura brasileira: O livro dos Fracta parte da teoria dos fractais da matemática na qual a forma geométrica se repete dentro dela mesma. Há uma espécie de reflexão científica sobre a cosmologia contemporânea enquanto elemento de intertextualidade. O estilhaçamento pós-moderno de Horácio lhe permite construir outros universos poéticos.

Ele publicou ainda *The very short stories* (1991), que já no título nos fornece indícios de sua condição de “homo viator”, como ele mesmo diz. *O menino e o travesseiro* (1995), livro que José Saramago prefacia da seguinte maneira: “Nem o leitor pode repetir o percurso do poeta, nem o poeta poderá reconstituir o percurso do poema: o leitor interrogará o poema feito, o poeta não pode senão renunciar a saber como o fez.” — que muitos sintam a necessidade de se interrogar ao final da leitura! *Quadragesimo* (1999), *Fracta* (antologia de sua obra poética, selecionada por Haroldo de Campos; 2004) e *Paulistanas e Homoeróticas* (2007) também fazem parte da produção poética de Horácio. Os dois últimos, publicados em uma edição única, são uma “união de hibridezes, a urbana de São Paulo e a conexas à experiência homossexual”. Sua poesia se faz em um amálgama pós-moderno de intertextos, experiências, citações da literatura ou da vida cotidiana, sua poesia se faz em um amálgama de viagens...

Suas outras viagens enveredam por caminhos que se interseccionam com uma refinada produção acadêmica. O trabalho de

tradução talvez seja tão complexo quanto produzir boa poesia, quem dirá quando se propõe a traduzir um poema que na sua língua original representa toda uma geração de poetas. O *Muerte sin fin*, de José Gorostiza, foi traduzido por Horácio juntamente com outros poemas em 2003. A relação que Horácio possui com a poesia ibero-americana é muito íntima, além de ter lecionado por vinte anos, no período de 1987-2001, na Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM, México). E desde 2001 é professor da USP, atuando nas áreas de Literatura Portuguesa e Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa.

Entre suas produções, Horácio também se dedicou a traduzir Elizabeth Bishop (*Antologia Poética*, 1990), Octavio Paz (*Pedra de Sol*, 1988) e Xavier Villaurrutia (*Nocturnos*, 1994). As traduções são as viagens pelo outro.

Como crítico, Horácio Costa realizou o já referido estudo sobre a obra de José Saramago (*José Saramago: o período formativo*, 1997). Em recente entrevista, o poeta se revela assíduo leitor de poesia, o que faz com que seus estudos sobre prosa se reduzam. Além disso, suas pesquisas atuais versam sobre a temática homossexual, e não coincidentemente ele é o atual presidente da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura (ABEH). A viagem do crítico é o entrelaçar de sensibilidade e conhecimento interrelacionadas.

A seriedade com que trata o estudo literário em suas aulas faz com que às vezes ele pareça excessivamente sisudo, mas a postura irônica que seus poemas possuem aparece também nas análises literárias e desfaz a seriedade inicial para que se construa uma atmosfera de completa contemplação — essa é a viagem pelo texto, em busca do que quer que seja, como imagino que ele responderia se porventura surgisse tal questionamento.

É neste momento que surge o homem Horácio Costa. Sua altivez e a força impetuosa de sua voz denotam a força de um intelectual que “se apaixona pelo que defende”. A frase dele foi dirigida a um antigo orientando que hoje se vê como um pequeno fractal em busca de seu

próprio satori: the very short stories. É a viagem do indivíduo pós-moderno em busca de si mesmo. Entretanto, a melhor viagem ocorre através da poesia:

CAIXA DE ÁGUA AZUL

Entre a ramagem da árvore desconhecida,
Caducifólia, nem de Jessé ou genealógica,
Um volume azul sobre uma laje, caixa de água
De polietileno ou poliuretano.
Notação distante na paisagem urbana,
Obsedante recordação no agora-agora,
Calle Río Poo 108, Colonia Cuauhtémoc,
Suites Parioli, México, Capital.

O mar, não. O mar, não. O mar, não. O mar, não.
Um exagero de zéfiros, então: o expresso
Descia a serra em Simcas-Chambord tangerina,
Rumo à baía divisada entre montanhas:
Ao longe, o porto e as torres, guindastes e praias;
Ao pé a pantanosa terra, como espaguete, úmida.
O talento da oitava real quereríamos,
O seu sempre imarcessível horizonte.

Nele seguia a senhora duas vezes por ano,
Qual a ordem das vogais, dos ritos identitários,
às vilegiaturas; se lhe encolhera
o mundo à mínima possível transumância.
Para lá da paisagem, a sós uiva o engenho,
Aquilo que em linguagem transforma a língua.
A árvore que se agita em eterno lenho
Enraíza no presente o espectro que mingua.

la a senhora, olhos de pomba, um único anel
De coral; cruzou-se a morte entre ela e o poema.
O mar, não. Caixa de água azul entre prédios alheios.
Este o horizonte, marchetado em fragmentos,
Reduzido a um puzzle no qual o montador
A si se vê como uma das peças faltantes.
O agora não sabe o que diz: memoria vincitrix.
Desce uma vez mais o expresso a estrada de Santos.

MexCy 17IX00